

Sarney José

Sarney tenta suceder ACM

Em discurso sutil, o maranhense senador pelo Amapá dá a entender que pretende concorrer à presidência do Senado

Rudolfo Lago e
Denise Rothemburg
Da equipe do **Correio**

Em vez de baixarias, um discurso de mais de meia hora em que se auto-classificou como democrata e estadista. Em vez de troca de insultos, o silêncio respeitoso dos colegas e os aplausos no final. Com um discurso em homenagem ao ex-presidente Tancredo Neves — que foi muito mais um balanço da sua própria passagem pela Presidência da República —, o senador José Sarney (PMDB-AP) lançou a sua candidatura à presidência do Senado. Sutil, em *nenhum momento Sarney falou das suas pretensões. Apenas procurou diferenciar-se com gestos elegantes e comedidos da imagem que ficou do embate no plenário entre o atual presidente do Senado, Antonio Carlos Magalhães (PFL-BA), e seu principal adversário na disputa pelo cargo, o presidente do PMDB, Jader Barbalho (PA).*

Sarney jura que seu discurso não tinha qualquer pretensão político-eleitoral. "Achei que já era hora de prestar uma homenagem a Tancredo", disse. Mas não é aniversário de Tancredo Neves. Nem é aniversário da sua morte. Ou da posse de Sarney na Presidência da República. Como nada é de graça em política, os senadores não tiveram dúvidas: Sarney estava lançando-se à Presidência do Senado.

"Se não é isso, então bateu o remorso de passar 15 anos sem falar no Tancredo", ironizou o senador Pedro Simon (PMDB-RS). "Acho que ele é candidato ao que vagar: presidente do Senado, papa, secretário-geral da ONU, e até presidente da República", continuou Simon. "Esse discurso marcou o início da sua campanha. E é um belo início. Acho que ele tem chances muito fortes de suceder Antonio Carlos Magalhães", reconheceu o senador Eduardo Suplicy.

O ex-presidente lembrou a carreira política de Tancredo, seu espírito conciliador em episódios como o da opção pelo

parlamentarismo para garantir a posse de João Goulart. Mas principalmente recordou os momentos anteriores à sua posse na Presidência da República. Tancredo, doente, temia que o ex-presidente João Figueiredo não desse posse a Sarney. Por isso, escondia a sua doença. Quando foi internado às vésperas da posse, era essa a sua maior preocupação. Quando acordou da cirurgia, no dia seguinte, segundo Sarney, a primeira pergunta de Tancredo foi se a posse tinha transcorrido normalmente.

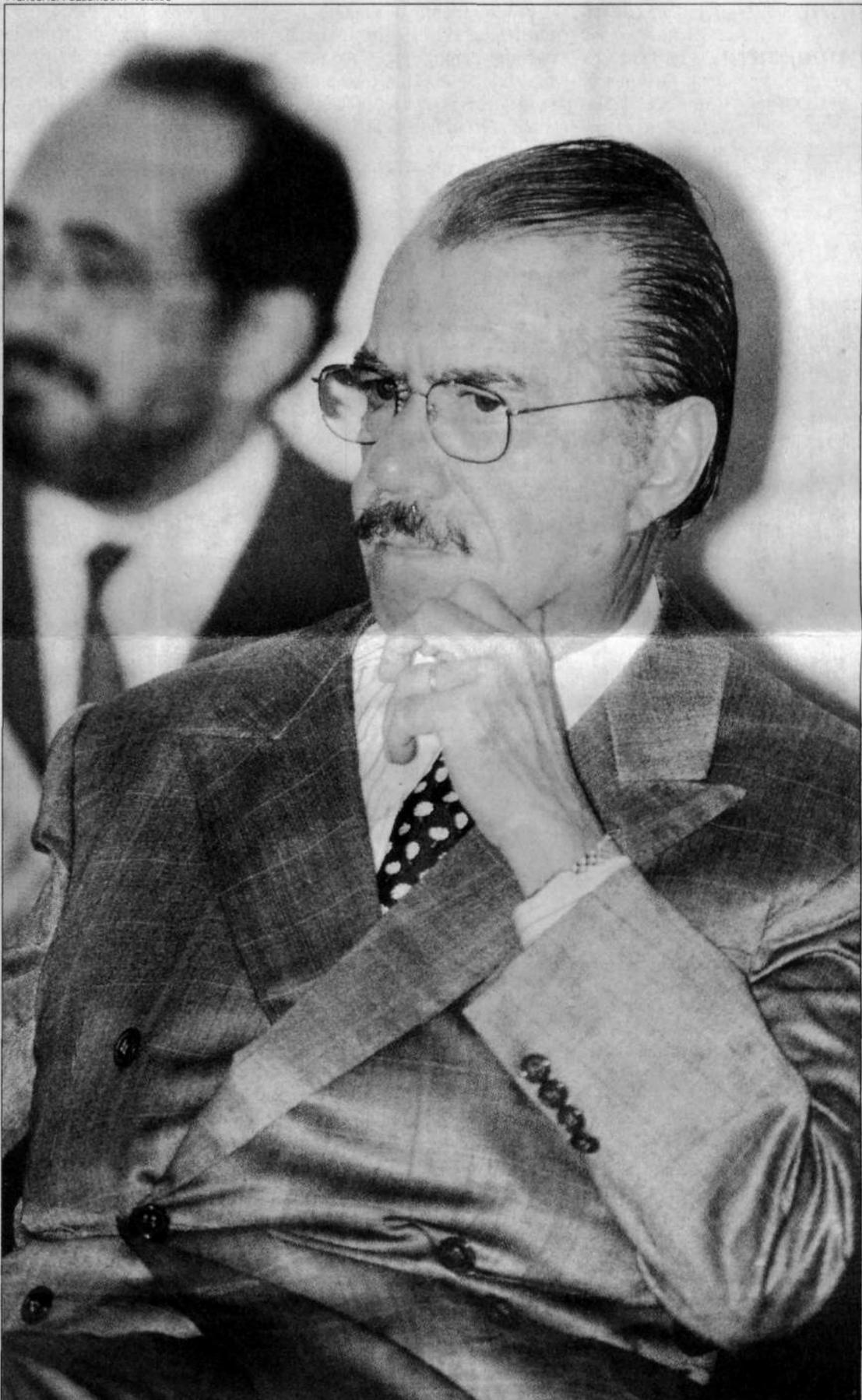
Foi o preâmbulo para que Sarney começasse a falar de si mesmo. "Em nenhum momento, fugi desses compromissos de Tancredo Neves", afirmou. "Em nenhum outro governo, houve mais liberdade. Em nenhum outro governo, a imprensa foi tão livre", continuou. Reservou um recado especial para o presidente Fernando Henrique Cardoso e para a política de abertura da economia. "Os que falam de uma década perdida acham que a economia é maior que a liberdade". E enumerou: "Floresceu no Brasil uma sociedade democrática. Fortaleceu-se o estado de direito social. Coube-me plantar em nome de Tancredo a paciência e a liberdade de imprensa".

BOM NOME

Como exemplo maior da liberdade obtida com seu governo, Sarney citou o fato de o presidente de honra do PT, Luiz Inácio Lula da Silva, ter disputado e quase vencido as eleições para sucedê-lo. "Um operário, do povo, de um partido de esquerda, disputa as eleições, chega ao segundo turno e quase se torna presidente. Não há exemplo maior das mudanças que se imprimiram naqueles cinco anos".

Na platéia, antigos aliados do seu governo, como o ex-ministro Ronaldo Costa Couto. Parentes de Tancredo, como o líder do PSDB na Câmara, Aécio Neves (MG), neto do ex-presidente. E sua mulher, Marly Sarney, que,

Wanderlei Pozzembom 16.3.00



O ex-presidente José Sarney: homenagens a Tancredo Neves e aplausos do plenário no final do discurso

tímida e discreta, não é figura habitual nos corredores do Senado.

Sarney impressionou. "Que ele é um bom nome, não há dúvida. Tanto que já exerceu a Presidência do Senado", reco-

neceu ACM. "O conciliador era ele. Ele fez um discurso de conciliação mundial. Se o seu objetivo era se colocar como um conciliador, a Casa pode ver isso com muito bons olhos.

Como as coisas vinhas se encaminhando (com a briga entre ACM e Jader), poderíamos vir a ter dias muito tensos aqui no Senado", avaliou o senador José Agripino.